



# **A presença da pessoa com deficiência visual nas artes**

**Emílio Figueira**

**Projeto eBooks**

]

**A PRESENÇA DA PESSOA COM  
DEFICIÊNCIA VISUAL NAS ARTES**

Documentário original publicado pela  
REDE SACI em 2003

**Emílio Figueira**

Psicólogo e Escritor  
Pós-graduado em Inclusão Escolar  
Formando em Psicanálise Clínica

**Segunda Edição  
São Paulo  
2009**

Coyright © by Emilio Carlos Figueira da Silva

Título Original em Português:

A PRESENÇA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NAS ARTES

Projeto Gráfico e Capa:

Emílio Figueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Figueira, Emílio – 1969-

A presença da pessoa com deficiência visual nas artes - Documentário original publicado pela REDE SACI em 2003 . 1 edi. – Emílio Figueira, Projeto eBooks, São Paulo, 2009.

Índice para Catalogação

I. Copilação de artigos – II. Pessoas com deficiência visual  
III. Artes em geral – IV. Inclusão social

---

Contato com o autor:

Emílio Figueira

Site: [www.emiliofigueira.com](http://www.emiliofigueira.com)

Blog: <http://blog.emiliofigueira.com>

E-mail: [emilio@emiliofigueira.com](mailto:emilio@emiliofigueira.com)

**PREMITIDO TODA E QUALQUER  
FORMA DE REPRODUÇÃO**

# INTRODUÇÃO

Historicamente, na Antigüidade pagã quem não podia ver estava destinado ao abandono, era considerado um ser desprezível, sem oportunidade de trabalhar, e assim, de levar uma vida normal, sendo barbaramente oprimido. Apesar disso, houve alguns deficientes visuais que só não venceram as barreiras que o defeito lhes impunha, como conseguiram superar intelectualmente seus contemporâneos, como é o caso do poeta grego Homero que, segundo conta a tradição, era cego.

Durante o período renascentista, as pessoas sem visão passaram a ser o tema preferido de vários pintores. Dessa época, podemos encontrar quadros relevantes, tais como “Parábola dos Cegos”, retratando uma cena em que vários cegos vão caindo em uma valeta, de autoria de Pieter Bruegel (1530 - 1569); “O Tocador de Alaúde”, de Georges La Tour (1593 - 1652), no qual o pintor retrata um tocador de alaúde cego e “Os Cegos de Jericó”, de autoria de Nicolas Poussin, pintado no ano de 1651, no qual aparecem dois cegos sendo curados por Jesus.

Foi também durante a Idade Média que o cego pôde encontrar uma posição no mundo, que até então lhe fora tão hostil: surgiram os cancioneiros, declamadores e jograis. Dedicando-se à arte da fala e da canção, os cegos fizeram disso uma profissão, passando a constituir uma classe.

Mas se no passado a pessoa com deficiência visual era focalizada como tema nas artes e na cultura e depois como uma classe artística,

a partir da década de 70 de século XX, ela passou a ser protagonista nesses campos, mesmo que timidamente. Nos anos 80, um verdadeiro movimento se alastrou mundialmente, demonstrando sua alta habilidade como artistas nas mais diversas áreas. O que se confirmou na década de 90, quando se encontram trabalhos artísticos e literários de ótima qualidade, desempenhados por essas pessoas, que impressionam e emocionam familiares e especialistas, bem como a população em geral.

Na atualidade, são muitos os portadores de deficiência visual interessados por arte ou que estão praticando diversas atividades artísticas, revelando grandes talentos, mostrando-se de igual aos demais artistas.

Em linhas gerais, essas manifestações artísticas são o mesmo que acreditar na arte como forte instrumento de inclusão social, sendo utilizada como meio de comunicação para disseminar valores e conscientizar a sociedade sobre a adoção de uma postura mais cidadã e construtiva, que mobilize esforços para que os portadores de deficiência/eficiência exerçam seus direitos, habilidades e capacidades que garantam qualidade de vida e direito à cidadania. E exemplos são o que não faltam...

# M Ú S I C A

## A arte pode ser um meio para divulgar a inclusão social e mobilizar a sociedade

### Grupos musicais

#### Forró no Escuro

Composto por oito músicos deficientes visuais, o conjunto Forró no Escuro, iniciou-se na área musical na Escola de Música do Instituto São Rafael de Belo Horizonte, especializada no ensino para cegos, onde eles já se reuniam há 14 anos.

Com o nome inicial de Tropicalente, apresentaram-se em diversos locais, bares, clubes, festas particulares, shows ou bailes, com um repertório bem eclético, de sertanejo a Beatles, forjando a sua qualidade musical. Das primeiras aulas de música dentro da Instituição, aos shows que costumam agitar platéias em todo o estado de Minas Gerais e São Paulo, o desenvolvimento do trabalho levou os seus integrantes a buscar uma identidade, através de um

gênero musical, que traduzisse com riqueza o apelo cultural do conjunto, mantendo intacta a convicção de afastar seu trabalho do velho estereotipo de “lição de vida”.

Profissionalizando-se em janeiro de 1998, e após uma análise de performance, antes mesmo da explosão do forró universitário, o grupo resolveu executar apenas esse estilo musical, uma música alegre e direcionada para o ambiente dançante, tradicional no nordeste do país e no norte de Minas e com grande penetração na região Sudeste, atingindo sem distinção a todas as camadas sociais. Assim, aprimorar-se no gênero forró, com uma nova leitura e arranjos próprios para músicas consagradas e com a introdução de canções inéditas, do próprio grupo e de parceiros oriundos do mesmo meio e da mesma escola, o grupo vem destacando-se. Durante todo o primeiro semestre de 1998, o conjunto desdobrou-se em pesquisas, arranjos e ensaios, preparando-se para o lançamento do seu primeiro CD e uma programação de shows. Esta estratégia foi galgada com sucesso, e resultou em vários shows quando dividiu o palco com grandes nomes da música nacional tais como: Sérgio Reis, Banda Mel, Gang do Samba, Chiclete com Banana, Omeriah, dentre outros. O progresso foi ainda maior quando, em 1999, surgiu o primeiro CD da banda, o independente Forró no Escuro, vendendo expressivas seis mil cópias, contando com o patrocínio do Grupo Cofermeta através da Lei Estadual de incentivo à Cultura, do Estado de Minas Gerais.

Após uma participação no Encontro Nacional de Arte Sem Barreiras, realizado na cidade de Belo Horizonte em 1999, foram indicados pela Fundação Nacional de Artes (Funarte), para representar o Brasil na segunda edição do Annual Turkey International Arts Festival, realizado de 14 a 18 de agosto em Istambul, na Turquia.



Em uma das entrevistas do grupo, o vocalista Popó Guimarães afirmou: “Trabalhamos a sério para que a deficiência visual não seja o elemento mais evidente no trabalho”. Enquanto em outro ponto o acordeonista Tinoquinho destacou: “O preconceito vem através da falta de oportunidades no mercado. Nas entrevistas, as perguntas sempre são feitas a partir de nossa deficiência”. Sempre positivos, para os integrantes do grupo, fazer música, além de arte, também pode ser uma afirmação da possibilidade de inclusão social através da arte.

## Irmãos Cegos e Banda

Seguindo a mesma linha do forró, encontraremos em Ituporanga, Santa Catarina, atuando há mais de 15 anos, o conjunto Irmãos Cegos e Banda. Formado por Osni (guitarra e vocal) Lauri (teclado e vocal), Zequinha (baixo e vocal), Vanderlei (guitarra e vocal) e Douglas (bateria), fazem apresentações em várias Regiões do Brasil. Com variados Estilos Musicais, sempre dando prioridade para os sucessos do momento. Incluem também no repertório músicas de outras épocas, dos gêneros como sertanejos, músicas gaúchas, pagode, axé e muitas outras, em bailes, festas e shows.

O Rotulo “Irmãos Cegos e Banda” surgiu pelo fato de dois dos integrantes serem deficientes visuais, porém nunca procuram valer-se de tal situação para conseguir espaço. Tentam sim conseguí-lo sempre através de profissionalismo e dedicação.

## Banda Tribo de Jah

Outro exemplo vem das quentes terras brasileiras, da tão forte e

original cultura maranhense, a qual recebe o título de Jamaica Brasileira à capital do Maranhão, desde 1980.

Também criada dentro de uma instituição, na Escola de Cegos do Maranhão, temos a banda Tripo de Jah, composta por quatro músicos cegos e um quinto com visão parcial (apenas em um olho); Frazão (teclados), José Orlando (vocalista), Aquiles Rabelo (baixista), João Rodrigues (baterista) e Neto (guitarrista), que se conheceram no local onde moravam em regime de internato. O gosto pela música ocorreu com a improvisação de instrumentos para a descoberta dos timbres e acordes.

Despertado para uma tendência musical, no início cada um começou a improvisar um instrumento, o baterista João Rodrigues, por exemplo, usou latas de querosene, cadeiras de sala de aula, o Frazão, tocava piano, embora de maneira bem desafinada, tendo que se virar para compor os acórdãos, e também improvisava o teclado de uma sanfona, o Aquiles, como não tinha contrabaixo, tirava o som num violão, mas como o instrumento têm seis cordas ele só usava as quatro últimas. E o guitarrista Neto, foi o último a entrar na banda.

Com o passar do tempo, foram ficando conhecidos e começaram a fazer shows nos bailes populares da capital, São Luis, e outras cidades do interior do estado, tocando serestas, reggae e lambadas. Com uma força do destino, conheceram o radialista Fauzi Beydoun (vocalista), não-deficiente, natural de São Paulo, que morou por quatro anos na Costa do Marfim, na África. Grande apaixonado pela cultura reggae, Fauzi, um exímio colecionador de reggae, que tinha vontade de fazer uma banda, para gravar só esse estilo e assim revolucionou o conteúdo da banda.

Foi a partir daí que a Tribo de Jah deu a partida para difundir o seu reggae, passando para o público suas mensagens de amor, paz, políticas sociais e divinas. Só que não encontravam apoio nos meios de massa; as grandes gravadoras não queriam mais divulgar seus trabalhos, nas rádios nem pensar, a tv não exibia nenhum de seus shows e não apareciam em programas de auditório e os jornais nada publicavam. Sem desanimar, os integrantes da Tribo de Jah, foram mostrando seu trabalho independente, fazendo shows e divulgando seus discos; abrindo espaço, hoje a banda conta com uma gravadora e uma distribuição à nível nacional.

No início de carreira o grupo sofreu muita discriminação. Indo às gravadoras querendo mostrar seu trabalho, ficavam sabendo por um dos diretores, que o pessoal diziam coisas assim: “os caras são cegos, são feios (...)”, ou piadinhas do tipo vão ter “que arrumar cachorros-guia para levar eles ao palco”. Não desistindo e acreditando em seu trabalho, os espaços foram sendo conquistados; as gravadoras os reconheceram artisticamente, tornando-se o sucesso viável, superando a muitos grupos e a muitas bandas existentes por aí. Atraindo muito público, a venda de cd’s foi aumentando gradativamente, mostrando para as gravadoras que o conjunto tinha muito potencial, sem divulgação de massa inclusive.

Mas venceram. Já com muito tempo de estrada fizeram uma viagem no principal palco do reggae mundial, o Reggae Sunsplash Festival, na Jamaica em 1995. Apresentaram-se nos quatro cantos do país, do Nordeste ao Sul; fizeram pequenas temporadas em casas de shows famosas como as cariocas Canecão e Metropolitan e nas paulistas Palace e Olímpia. Internacionalmente, além da Jamaica, a banda já tocou em alguns países como Buenos Aires, na Argentina, Caiena, na Guiana Francesa, além de shows na Europa em países como a França e Itália.

\* Segundo a OMS-Organização Mundial de Saúde, cerca de 1% da população mundial apresenta algum grau de deficiência visual. Mais de 90% encontram-se nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Rede SACI  
São Paulo-SP, 12/03/2003

# DOIS

Nesse artigo, Emílio Figueira dá outros exemplos de pessoas com deficiência que têm a Arte no centro de suas vidas

## Guyrá -Pássaros do Brasil

Outro exemplo é paulistano. Quatro músicos originários de diferentes estilos musicais, mas traçando sua trajetória artística de forma modesta e profissional, uniram-se para cantar o que tinham de amor em comum: o nosso país.

O grupo Guyrá - que no idioma tupi quer dizer pássaro -, foi formado há dois anos e já representa o surgimento da nova geração da tradicional música de raiz, associando o folclore popular com canções de autores contemporâneos em interpretações marcantes, arranjadas em instrumentos acústicos, respeitando e ao mesmo tempo renovando a autêntica música brasileira.

Fruto de uma salada musical, dos quatro componentes do Guyrá, três são portadores de deficiência visual: Claudio Teixeira (flauta e vocal), cuja maior parte de sua vida artística foi, e ainda é, em palcos de festivais de música, o que nos faz concluir sua vocação contra-lucrativa, tendo uma formação clássica, responde pelos

arranjos de sopro e interfere gravemente nos arranjos vocais; Lothar Bazanella (gaita, scaleta, percussão e vocal), participando já há quinze anos de coros e corais em universidades e centros culturais, sendo também poeta e contador de causos com forte sotaque gaúcho; Laércio Sant'anna (viola caipira, violão e vocal), compositor já conhecido na música sertaneja, tendo suas canções interpretadas por Leandro e Leonardo, Zezé Di Camargo e Luciano e outras duplas, autor, dentre outro, do sucesso "Horizonte Azul" e, por fim Alvaro Gregorio (voz e violão), único com visão normal no grupo, durante quase uma década apresentou-se nas casas noturnas de São Paulo cantando a bossa nova de Tom Jobim e os sambas de Chico Buarque, fazendo também jingles para rádio e tv, escrevendo uma coluna semanal sobre música brasileira em jornais paulistas e é folclorista amador nas horas de lucidez.

Recentemente em São Paulo, o grupo apresentou o show Pássaros do Brasil, com canções de Rolando Boldrin, Renato Teixeira, Vital Farias e outras do folclore nacional, intercaladas com causos e versos inspirados na vida do homem do campo.

Motivados pela criatividade e oitenta minutos de música e prosa, fazem em suas apresentações, uma viagem pelos sentimentos mais profundos da alma sertaneja até as preocupações ambientais mais modernas, unindo dessa forma a raiz musical brasileira e a proposta ecológica de um viver mais simples e integrado, dando ao espetáculo um sabor novo, diferente, algo atual sem a preocupação em ser moderno, tradicional sem a rigidez erudita, simples sem ser amador.

No histórico do grupo já conta com apresentações na capital paulista no SESC Itaquera, Centro Cultural São Paulo, CADEVI, Teatro Paulo Eiró, Teatro Arthur Azevedo, Parque da Água Branca,

Villagio Café e SESC Vila Mariana. Além de participações em programas de rádios e tvs, tais como, Rádio Mundial (programa Café com Astral, de Kátia Ripane), Canal Rural (programa Célia e Selma) e Canal Comunitário (programa Café Cultural).

## Partituras em Braille e Trabalhos Acadêmicos

“Quando se criou o código braille, ninguém pensou que a escrita também poderia se estender às partituras. Hoje, meus alunos decoram as notas e tocam como qualquer outro músico”. Essa frase é do professor e músico Neri Ribeiro da Silva, em uma entrevista ao jornal gaúcho Zero Hora, em 18/06/2001. Com determinação e sensibilidade, ele conseguiu transformar a vida de um grupo de deficientes visuais por meio da música.

Ensina violão clássico para vinte deficientes visuais da região do Planalto Médio, em Passo Fundo. Por meio da música, eles estão se integrando à sociedade, provando que o talento e a persistência superam as limitações físicas. O método de ensino da teoria musical é simples e não difere em nada das aulas normais de português e matemática para cegos. As cifras das músicas obedecem a escrita braille e são acompanhadas pelos alunos por meio do tato. No lugar das letras do alfabeto, os pontos em relevo combinados formam as notas musicais.

A idéia de desenvolver o projeto começou quando Neri conheceu, pela TV, o trabalho de uma professora brasileira. Ele se comoveu com a possibilidade de ensinar teoria musical a essas pessoas.

Decidido a implantar a técnica, viajou a Brasília, onde estudou a musicografia braille, depois de aprender a ler e a escrever no sistema criado pelo francês Louis Braille, no século 19. Com apoio da vice-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade de Passo Fundo (UPF), o professor iniciou o curso na Faculdade de Artes e Comunicação. Nesse período, as aulas, individuais e semanais, já revelaram novos talentos.

Um trabalho que pretendeu mostrar de que maneira a memória pode resgatar a história de um aprendizado também merece um registro. Foram estudadas as memórias de quatro músicos deficientes visuais que tiveram o início da sua formação no Instituto São Rafael, a qual foi a segunda experiência brasileira - e a primeira durante a República Velha - de uma escola especializada na educação da pessoa cega. Músicos que ingressaram na profissão a partir dos anos 30, 40, 50 e 60.

A pesquisa foi fruto de uma tese de mestrado em História da Educação, defendida por Flávio Couto e Silva de Oliveira [1], na Faculdade de Educação da UFMG em maio de 1995, com o título de “Histórias de Um aprendizado: Os Signos de Deleuze Nos Relatos De Vida de Músicos Cegos”. Teve como eixo teórico o livro “Proust e Os Signos”, de Gilles Deleuze sobre a obra de Marcel Proust. A contribuição que o pensamento de Deleuze deu ao presente trabalho afirma-se, sobretudo na utilização feita dos quatro tipos de signos através dos quais o autor estuda a Recherche: signos mundanos, amorosos, sensíveis e artísticos. O trabalho de Oliveira, focou os seguintes artistas:

- Asdrúbal Teixeira de Sousa Filho, o Dubinha. Natural de Juiz de Fora, contava com 82 anos na época da entrevista (1993). Nos anos 30 formou-se em piano no Instituto São Rafael e iniciou-se



profissionalmente como pianista de cabaré na noite de Belo Horizonte, tendo atuado com sucesso nos principais dancings da cidade;

- Geraldo Nepomuceno, natural do Ceará, tornou-se músico no Instituto São Rafael em meados dos anos 40, onde ajudou a criar, juntamente com seu irmão Chico, o conjunto Titulares do Ritmo. Formado somente por músicos cegos, o conjunto estreou nos programas de auditório da Rádio Inconfidência. Tendo obtido sucesso nas rádios mineiras, os Titulares do Ritmo mudaram-se para São Paulo, onde desenvolveram uma brilhante carreira. Com mais de 10 discos, entre gravações solo e acompanhando artistas famosos, ficaram extremamente conhecidos em todo o país. Foram inclusive citados por Rui Castro em seu livro Chega de Saudade e em algumas enciclopédias de música brasileira;

- Luísa Nepomuceno, que nos anos 40 veio do Ceará para Belo Horizonte com seus irmãos Geraldo e Chico para que os três pudessem estudar em uma escola especializada para deficientes visuais. Formou-se professora de piano no Instituto São Rafael e lá lecionou durante toda a sua vida. Seu depoimento é altamente significativo das dificuldades que enfrentou, como deficiente visual e como mulher e

- José Lucena Vaz, ex-professor da Universidade Federal de Minas Gerais, foi responsável por introduzir, durante os anos 70, os estudos acadêmicos de violão nas universidades brasileiras. Ainda hoje é respeitado por músicos jovens e considerado um dos mais importantes mestres do violão no Estado de Minas Gerais.

Foram realizadas com esses músicos longas entrevistas de história de vida nas quais eles relataram suas relações sociais (signos

mundanos), afetivas (signos amorosos), com o mundo das qualidades sensíveis (signos sensíveis) e com a arte, especificamente a música (signos da arte). Esses depoimentos abarcaram em seu todo, o período que vai desde antes da fundação do Instituto São Rafael (1926) até a década de 1970.

Este trabalho também rendeu fruto literário. Em 2000, com o título “Signos e Aprendizado nas Memórias de Músicos Cegos”, o trabalho premiado em primeiro lugar na categoria ensaio no Concurso Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte.

## Nota

[1] Doutorando em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Flávio Couto e Silva de Oliveira é formado em História e Mestre em Educação pela mesma universidade. Lecionou História da Arte, Cultura Brasileira e Estética em sua universidade de origem e na Universidade Estadual de Minas Gerais (escolas de Belas Artes e de Música). Na PUC Minas lecionou a disciplina Direitos Humanos e Sociedade Inclusiva. É professor licenciado da rede municipal de ensino da Prefeitura de Belo Horizonte, onde atuou também no Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação - CAPE/PBH. Atualmente, divide o seu tempo entre a sua pesquisa de doutorado sobre a história da educação musical nas escolas primárias de Belo Horizonte (1920-1970) e sua atividade musical como cantor e compositor.

Rede SACI  
São Paulo-SP, 18/03/2003

# TRÊS

Sidney Marzullo, Paulo Romário, Thiago Pinheiro e Andrea Bocelli

A PRESENÇA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NAS ARTES

## Sob a batuta de um mestre

Devido a uma paralisia cerebral aos cinco anos, o professor aposentado Sidney Marzullo, hoje com 62, passou a não enxergar mais, depois de uma congestão que o levou a perder todos os sentidos. Com o tratamento, ele foi recuperando-os, mas a visão foi totalmente afetada. Cego, Marzullo foi percebendo uma aptidão: a música.

De uma forma toda especial, Marzullo rege um coral de 18 cegos. Trata-se do União Arte e Integração, que tem feito shows pelos estados brasileiros. Com o auxílio de um instrumento chamado diapasão (utilizado para marcar o tempo durante a condução da música), ele afina, orienta e corrige a participação de sopranos, tenores, barítonos e contraltos, dispostos no palco de forma típica (o quarteto vocal clássico). Por força das circunstâncias, o que normalmente é feito por gestos exige concentração redobrada, já que ele se movimenta entre os coralistas, para controlar de perto o desempenho de cada um.

Em uma matéria publicada na Revista Benjamin Constant, Daniela

do Carmo escreveu: “A princípio criado apenas para alunos, o coral foi admitindo, ao longo dos anos, ex-alunos, funcionários, e até mesmo professores do IBC. Os testes para a admissão de novos membros incluem avaliação vocal, acuidade auditiva e rítmica, além de leitura musical em Braille. O coral conta hoje com 29 membros, com idades entre 16 e 60 anos (dois deles de visão normal, responsáveis pelo visual impecável do grupo). Todas as correções são feitas em ensaios coletivos semanais; como todas as letras têm que ser decoradas, Sidney ainda avalia cada um individualmente. Como resultado de muita dedicação e de um longo trabalho, o coral lançou em setembro deste ano um CD, em que o próprio maestro cria novos arranjos para um repertório diversificado”.

Marzullo é um dos poucos maestros cegos a reger um coral com essa característica, tarefa que realiza há 17 anos. Aos 7 anos, já aluno do Instituto Benjamin Constant, teve seu primeiro contato com os vários instrumentos disponíveis nos cursos musicais e profissionalizantes de que participou. Aos 18 anos, já tocava piano em bailes; recebeu convites para tocar em restaurantes, e chegou a gravar vários discos como pianista. Em 1967 saiu o seu primeiro LP em vinil, intitulado “Isto é Dança”, originando uma série de mais seis discos. E quando deixou a CBS, a gravadora lançou uma coletânea de suas melhores músicas intitulada “Os grandes sucessos de Sidney Marzullo”. E mais recentemente, o piano-bar onde trabalha, foi o cenário da gravação de seu último CD com 14 faixas.

Também aprendeu instrumentos de sopro como sax e trompete. E, aos 20 anos, foi convocado para lecionar música no Instituto, sendo indicado pelo seu próprio professor. Durante 33 anos, como parte da cadeira de Teoria Musical, ensinou Musicografia Braille (a técnica de escrever partituras musicais utilizando uma convenção adaptada do alfabeto Braille), além de ter lecionado música em

curso da Prefeitura durante muitos anos, para alunos cegos e de visão normal.

Desde os 16 anos, ele já fazia arranjos e harmonia como gente grande. Exigente, o jovem maestro quis estudar mais, até para dar bom exemplo aos alunos. Foi fazer curso superior no Instituto Villa-Lobos - atual UNI-RIO, onde se formou Professor de Música. Aos 24 anos, era um músico completo. Em 1979, começou a formar o coral, tornando-se um dos poucos regentes cegos no mundo. Ele se comunica com os cantores através de uma baqueta. Com ela, Marzullo bate numa mesa e, numa espécie de código Morse, comanda o andamento das vozes. O repertório do grupo passeia sem cerimônia pela música erudita e pela música popular que vai de Bach, passando por também Tom Jobim, Chico Buarque e Cole Porter.

Como uma vida musical sempre intensa, o maestro participou dos melhores programas da época de ouro do rádio brasileiro. Só na Rádio Nacional, apresentou-se em programas do César de Alencar, Paulo Gracindo e Manoel Barcellos. E na televisão, tomou parte nos programas Discoteca do Chacrinha, do Domingão do Faustão e do Xuxa Park.

Coleciona ao longo de sua carreira muitos troféus e homenagens. Recentemente, em reconhecimento a todo esse trabalho, Sidney Marzullo recebeu o diploma de Amigo do IBC, na cerimônia comemorativa dos 142 anos do Instituto, quando o CD foi lançado oficialmente.

Recordando uma de suas muitas entrevistas, o músico declarou certa vez:

“Eu não consigo me situar dentro dos preconceitos, porque procuro superar a todos. Sempre me esforcei para fazer tudo com o máximo de competência, evitando esbarrar com esses tabus. Claro, quase sempre esbarramos com eles e o segredo é superar este tipo de coisa com um trabalho sempre bem feito. (...) Como a música é uma arte envolvente e acaba trazendo as pessoas até a mim, o aspecto da deficiência acaba desaparecendo e fica só o artista. As barreiras quando aparecem são em um primeiro momento, devido até a desinformação da sociedade, mas quando as pessoas se deparam com a minha profissional, tudo isso se perde. Estou há quarenta anos na minha vida profissional e continuo trabalhando sem dificuldades”. (Jornal SuperAção, CVI/Rio, julho/agosto de 1999)

## Noites cariocas

Grandes talentos podem ser encontrados na vida noturna do Rio da Janeiro. A exemplo do maestro Sidiney Matozzo, são inúmeros os músicos deficientes visuais que se apresentam em restaurantes, shows, casas de espetáculos das noites cariocas. O pianista Paulo Romário é um deles.

Em novembro de 2001, foi atração das Quintas Especiais do Programa Arte Sem Barreiras/Funarte, na Sala Funarte no Prédio do MEC no Rio de Janeiro. Tendo como convidado o cantor e compositor Tito Madi, o pianista apresentou composições de seu mais recente CD dedicado a Ernesto Nazareth e outros choros, homenageando Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo, Severino Araújo, entre outros mestres desse gênero musical, além de suas mais recentes composições.

Cultivando um vasto currículo, o pianista iniciou seus estudos musicais no Instituto Benjamin Constant, depois na ProArte, fazendo vários cursos regulares e estudando com Homero Magalhães, Dayse De Lucca, Cláudio Santoro e Guerra Peixe. Atuou como compositor, diretor musical e pianista em aproximadamente 20 peças teatrais, destacando-se Gota D' Água, de Chico Buarque, Santo Inquérito, de Dias Gomes e Santa Joana do Matadouros, entre outras.

Foi membro do conjunto de choro Grupo Pomar, tendo sido um dos finalistas em 1997, no Concurso de Grupos de Choro promovido pela Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro. Fez direção musical, piano e voz com músicas de Mauro Menezes para o disco infantil Enquanto Houver Criança e, em 1998 gravou um CD Refletindo Ernesto de Nazareth, incentivado pelo Ministério da Cultura, através do Pronac - Lei Rouanet com patrocínio da Procergs.

E, dentro deste conjunto de músicos noturnos, conhecemos, via Internet, Linero Riberiro, guitarrista e contrabaixista que atualmente toca em uma chamaria de comercial. O músico, a nosso convite, aceitou dar um depoimento, lembrando toda a sua carreira:

“Bom... No que se refere a instrumento, meu primeiro contato foi com o violão aos 16 anos (tenho 45) e comecei a tocar em festinhas etc. Profissionalmente, toquei pela primeira vez em 1979, num bar de um amigo que me conhecia de festinhas e festivais dos quais participei antes com músico e até como compositor. Estudei no Instituto Benjamin Constant onde, por ser um colégio interno, tinha oportunidade de conviver com muita gente que arranhava um violãozinho e que curti música de todas as formas e fizemos

lá muitos festivais e lamento que ao menos alguns dos nossos não tenham ingressado na música pela porta mais nobre, pois afirmo sem medo de errar que por ali passaram pessoas que compunham como gente grande e digo isso sem saudosismo, pode crer!

Ainda outro dia, tentei, juntamente com um desses amigos, recordar uma música que ele compôs na época e a harmonia da dita era tão rica, tão incomum que não conseguimos nos lembrar e assim não pudemos reconstituí-la. (Hoje ele trabalha comigo num restaurante aqui do Rio onde tocamos às sextas-feiras, ele guitarra e eu contra-baixo, e todo aquele talento dele de compositor se desperdiçou.)

Voltando a mim, na verdade, antes de 79, (agora me lembro) cheguei a defender uma graninha tocando numa igreja (Notre Dame em Ipanema) mas, depois, ingrenei até 1982 tocando em algumas casas. (É até gostoso recordar isso!) Quando me iniciei, em 82 noutra profissão, achei que poderia parar com a música já que dá muito pouca grana; mas, em 1985 voltei pra ela e estou até hoje. Recomecei num grupo de pagode e, com ele, tive oportunidade de acompanhar muita gente boa (Jamelão, dominginhos do Estácio, Alcione, Jorge Bem Jor que na época era só Jorge Bem etc), sempre eventualmente, quer dizer, nunca ficamos sendo conjunto de nenhum desses artistas ou de qualquer outro.

Ah, sim! Trabalhamos muito com o cara que puxava o samba enredo da União da Ilha, Haroldo Melodia, e com o Preto Jóia que puxava o samba da Imperatriz Leopoldinense. era uma fase muito boa já que a gente rodava pra caramba, quer dizer, tocava nos mais diversos lugares.



Inclusive viajando pra Vitória, Sampa e não vou por etc, porque não me lembro de outros Estados, acho que não houveram mesmo. A gente acompanhava, às vezes, aqueles grupos de mulatas que fazem show para turistas e também viajava com elas. Era bom a beça. por volta de 90, 91, sei lá, saí do grupo, o grupo acabou ou foi mudando e aí comecei a tocar com um grupo de forró, mas não levei muito tempo nele e passei a atuar mais como free lance e, tive oportunidade de atuar em lugares onde, se não fosse como músico, já mais entraria: Desde hotéis cinco estrelas até penitenciárias onde toquei na época do grupo de pagode. Lembrome que nessa penitenciária, neguinho (falo dos internos) fumava tanta maconha que a gente quase fica doidão também! Poxa, acho que as histórias, se bem lembradas e bem contadas, dariam um livro!

Bom... Depois, lá pra 95, 96 comecei a tocar com um grupo de música portuguesa e passei por alguns até o ano passado quando, por sacanear/brincar com o dono desse último, fui despedido mas, toquei com eles um dia desses! Atualmente, só toco nesse restaurante de que já falei e, quando pinta, faço alguma coisa como free, acompanhando um ou outro aqui e ali ou substituindo alguém em algum grupo.

Acho que é mais ou menos isso... Num papo regado a um chopinho renderia bem mais!

Pô, cara, acho que faltou te agradecer pela oportunidade de lembrar tanta coisa boa e dizer que, hoje, também estou ligado ao coral de que já falei anteriormente, isso de dois anos pra cá e que, se não dá grana (e olha que já chegou a dar, eventualmente, é claro!) dá muito prazer. Pô, a gente estava trabalhando (iniciando um trabalho) com o Marcos Leite que é o criador do Garganta Profunda e o cara

adoeceu mas, se a gente tiver oportunidade de retomar o trabalho quando ele se recuperar, tenho a certeza de que será muito bom! Um abraço do Leniro.”

## A bateria no teclado de Thiago Pinheiro

Um outro exemplo super interessante. Qualquer professor de piano sentiria arrepios na alma ao ver o multi-instrumentista Thiago Pinheiro, 19 anos, tocando as primeiras notas em seu teclado. Sem exibir a postura elegante de quem passou anos em conservatórios, ele se debruça sobre o seu XP-50, da Roland, usando apenas três dedos da mão direita e quatro da esquerda.

Mas, contrariando aqueles que só acreditam no estudo formal, o som que ele tira de seu teclado é sublime, com uma sensibilidade de deixar qualquer um estarecido. De olhos fechados, sua performance não deixa nada a dever à de grandes mestres do instrumento como Herbie Hancock e Chick Corea.

Não bastasse a facilidade inata - pois o jovem começou a tocar sozinho no piano, aos três anos-, ele não se contentou apenas em ser um músico competente. Inquieto, é um dedicado pesquisador de novos timbres (novas sonoridades) e criou uma técnica singular de tocar bateria no teclado, batizada por ele de “key drums”, técnica, pela qual ele não pretende substituir a sonoridade de uma bateria de verdade, mas o resultado é muito mais próximo do som original do instrumento que as batidas anódinas dos sequenciadores. Programando o teclado para reproduzir os diversos sons.

## Músicos Internacionais

No cenário internacional encontraremos também uma vasta produção de músicos como problemas de deficiências visuais moderadas e totais. Quem não conhece, por exemplo, os compositores e músicos contemporâneos Ray Charles e Stevie Wonder? E na música lírica, também temos um grande representante deste leque de talentos:

## Vida e Discografia de Bocelli

No cenário internacional, um dos principais cantores da música lírica mundial merece destaque, pois sua deficiência visual não foi impediçã para seu talento natural, que lhe permitiu quebrar as barreiras. Embora já tivesse a visão fraca de nascença, aos 12 anos de idade sofreu um acidente em um jogo de futebol, ficando totalmente cego.

Desde cedo Andrea Bocelli tinha talento musical raro. Já aos seis anos, seus pais o encorajavam a tomar aulas de piano, mais tarde aprendeu também a tocar flauta e saxofone. Porém, num pequeno desvio de rota, Andrea estudou advocacia na Universidade de Pisa graduando-se Doutor em direito, atuando como advogado de defesa por um ano antes de iniciar sua carreira musical.

Mas seu destino já estava traçado. Andrea foi descoberto por Zuccherò Fornaciari em 1992, e habilitado para interpretar toda forma de música, de baladas à óperas. Naquele mesmo ano, o cantor Zuccherò o convidou para fazer parte da criação de “Miserere”. Em 1993, acompanhou-o em sua excursão europeia e fez muito sucesso com o solo de “Nessum Dorma”. A sua estréia em San Remo Music Festival foi tremendo sucesso onde Andrea alcançou as mais altas marcas registradas para um artista novo com sua interpretação de “Il mare calmo della sera”.

Em setembro de 1994, Andrea Bocelli foi pessoalmente convidado por Luciano Pavarotti para participar do Pavarotti International em Modena. Na ocasião, apresentou-se em dueto com Pavarotti, também com Bryan Adams, Andreas Vollenveider, Nancy Gustavsson e Giorgia. Graças a essas parcerias, Andrea Bocelli alcançou uma tremenda reputação no meio clássico, apresentando-se em óperas e recitais e diversos eventos marcantes incluindo uma apresentação para o Papa na Véspera de Natal em 1994.

Em novembro de 1995, ele visitou os Países Baixos, Bélgica, Alemanha, Espanha e França com “Night of the Proms”, compartilhando sua excursão com Al Jarreau, Bryan Ferry, Roger Hodgson mais Orquestra Sinfônica e Coro. Mais de 450 mil pessoas assistiram esses concertos e como um resultado direto, os dois primeiros CDs “Andrea Bocelli” e “Bocelli”, os quais entraram nos primeiros lugares em vendagem nesses países, permanecendo por muito tempo. Esse segundo álbum recebeu o prêmio de platina duplo na Itália, platina sêxtuplo na Bélgica, e platina quadruplo na Alemanha e Países Baixos. A canção “Con te Partirò”, ficou em primeiro lugar durante 6 semanas na França, e 12 semanas na Bélgica.

“Viaggio Italiano” foi o seu terceiro álbum. Lançado na Itália, vendeu mais de 300 mil cópias em poucos meses, misturando melodias famosas e canções tradicionais de Nápoles em um tributo à todos os imigrantes do mundo. Já “Romanza”, quarto lançamento, fez um tremendo sucesso no mundo ocidental. É uma compilação de canções populares, e a canção “Time to Say Goodbye” em dueto com a soprano Sarah Brightman, subiu imediatamente ao topo dos quadros, como fez sua versão solo “Con te Partirò”. Com vendas que se aproximam de três milhões de cópias, e um prêmio de platina

sêxtuplo, “Time to Say Goodbye” tornou-se o CD mais vendido. Na Alemanha “Time to Say Goodbye” ficou em primeiro lugar durante 14 semanas.

Seu quarto CD já recebeu prêmio por vendagem em todos os países de lançamento. Na França, Países Baixos, Bélgica, Suíça e Áustria. No Reino Unido onde Bocelli era completamente desconhecido, ao ser lançado “Romanza”, transformou-o em um astro em apenas 7 dias. Andrea Bocelli, nascido em Laiaitico, Toscana, na província de Pisa, Itália em 22 de Setembro de 1958. Ele, sua esposa Enrica, e seus dois filhos, Amos e Matteo, vivem na fazenda da família que inclui uma pequena plantação de uvas. Sandro Bocelli, pai de Andrea, fabrica um vinho chamado ‘Chianti Bocell’.

Aqui no Brasil Andrea Bocelli ficou mais conhecido pela versão de sua música “Vivo per Lei” (Vivo por Ela) em que fez dueto com a cantora Sandy.

Rede SACI  
São Paulo-SP, 25/03/2003

# ARTES PLÁSTICAS

# QUATRO

Exposições de Arte também podem ser adaptadas a pessoas com deficiência visual

## Museus

Na Espanha, existe o Museo Tifológico de Madrid, único no mundo totalmente adaptado para os portadores de deficiência visual. Em um dos textos de seus catálogos, assinado pelo Chefe do Secção de Cultura, Felipe Ponce Rodríguez, o autor diz: “Em um despertar dos sentidos, ante as mensagens, com que o visitante encontra nas salas do Museo Tifológico, a luz, o som, o calor e o tato, sugerem opções que, em outros contextos mais tradicionais, se encontram longe de conceitos como surpresa, participação, integração e inclusão hedonismo”...

Aqui no Brasil, dentro do Instituto Benjamin Constant, há um museu predominantemente de caráter pedagógico, permitindo a visita de seus alunos e visitas orientadas no período de festividades de aniversário da Instituição. Abriga em seu acervo peças que contam a história do Braille, desde a época do Império até os nossos dias. Mas é de São Paulo, uma outra iniciativa...

## Projeto “Museu e Público Especial”

Criado em 1992, temos no Brasil o Projeto “Museu e Público Especial”, da Divisão de Ação e Extensão Cultural do Museu de Arte Contemporânea/USP. Trata-se de um programa permanente de atendimento ao público portador de deficiências sensoriais, motoras e mentais e portadores de distúrbios emocionais em exposições especialmente concebidas e adaptadas para receber este público, que de forma não somente visual, mas também sensorial poderá apreciar e explorar as obras de arte através do tato.

Denominadas “O Toque Revelador” - sendo que a primeira contou com doze esculturas selecionadas e intitulada “O Toque Revelador: Esculturas Contemporâneas”, essas exposições são compostas por uma seleção de obras de arte pertencentes ao acervo do museu, organizadas segundo um “percuro tátil”, permitindo tanto a exploração sensorial das obras tridimensionais originais como também das reproduções visuais-táteis em relevo, elaboradas à partir das obras bidimensionais originais.

Já a exposição “O Toque Revelador II: Esculturas em Bronze” - realizada em 1993 -, dez esculturas estavam organizadas em pares, sugerindo um diálogo onde a temática das obras e suas linhas estruturais semelhantes se confrontavam com a diversidade de texturas em bronze propostas por esculturas contemporâneas de Pierre Charbonnier, Marta Colvin, Ernesto de Fiori, Sônia Ebling, Agenore Fabbri, Felícia Feirner, Marcello Mascherini, Pola Rezende, Theodore Roszak e Liuba Wolf.

Posteriormente, ao comemorar sete anos de existência do projeto, foi realizada uma exposição com seis obras tridimensionais com características abstratas, pertencentes ao acervo do MAC. A



curadoria incluiu réplicas de obras de Hidekazu Hirano, Karl Hartung, Laci Freund, Nicolas Vlavianos Rubens Valentin e Walter Linnk. Todas em tamanhos iguais ou proporcionalmente reduzidas das obras originais, permitindo a manipulação e serem manipuladas como um quebra-cabeça tridimensional.

Existe também os projetos extra-muros. Ampliando o atendimento ao público especial, que por dificuldades de acesso ou por limitações físicas fica impossibilitado de participar dessas atividades, o Museu, a partir de 1997, passou a realizar exposições itinerantes. Composta por exposições e treinamentos especializados para educadores e profissionais, responsáveis pelo atendimento do público em sua região, formam o projeto, atingindo não só outras cidades do Estado de São Paulo, como também de outros estados brasileiros.

Há título de citação, em 1997, foi realizada a exposição itinerante “O Toque Revelador - Alfredo Volpi”, no colégio SETA em Jacareí, SP e recentemente, em 2001, “O Toque Revelador - Retratos e Auto-retratos”, na Casa da Cultura de Praia Grande - SP. Outro exemplo prática foi “O Toque Revelador - Retratos e Auto-Retratos”, exposição itinerante realizada em maio de 2001 na cidade paulista de Rebeirão Preto. Nela, os monitores desenvolveram todo um trabalho antes do grupo conhecer as obras, falando um pouco sobre retratos, auto-retratos e pinturas, apresentando e abordando a história do retrato desde os faraós, no Egito, Grécia, retrato realista, pintura de gênero, onde os artistas pintavam cenas do cotidiano. Explicavam o que é um auto-retrato e o primeiro auto-retrato, a chegada da fotografia e a crise do retrato na pintura fazendo com que o artista buscasse uma nova forma de pintar: “O Impressionismo”, escola onde o artista passou a criar sobre as imagens, a transformá-la com intuito de demonstrar o emoção através da pintura.

Ao falar sobre pintura, explicaram o que é uma tela e todo material abordado era apresentado ao visitante ele a conhecesse através do toque. Várias telas pequenas com tinta a óleo foram apresentadas, uma em especial, onde passando a mão de cima para baixo para percebia-se a mudança do áspero (tinta menos misturada) para o mais liso, tela preparada para a pintura e pranchas em borracha de rostos de perfil, frente e meio perfil (quando eram crianças exemplificava-se dizendo que, quando de perfil, dá para ver somente um olho e uma orelha, de meio perfil os dois olhos mas somente uma orelha e de frente os dois olhos e as duas orelhas).

Os grupos conheciam as oito obras expostas, dentre elas alguns auto-retrato, além da fotografia das obras e a tinta na parede. Havia em uma mesa (adaptada para cadeira de rodas) reproduções elaboradas em relevo (papel machê e borracha), onde os visitantes eram solicitados a tocar em todas as obras; outros sentavam ao chão e questões eram levantadas pelos monitores como qual a obra mais bonita, qual está de perfil, meio perfil ou frente, qual é homem ou mulher, o mais alegre, o mais triste. Duplas eram formadas e o que estava de olho vendado, dizia qual era o quadro somente a partir do toque em uma prancha com a sombra da obra. Ao final, os visitantes recebiam o catálogo da exposição a tinta ou em braille.

No geral, essas exposições são contempladas por uma museografia adaptada principalmente ao acesso dos portadores de deficiência s visuais e motoras, e uma programação visual contendo textos, etiquetas e catálogos em tinta e Braille.

Sob a coordenação da arte-educadora Amanda Pinto da Fonseca Tojal, o “Museu e Público Especial”, conta com outras propostas como de Ação Educativa, objetivando motivar e ampliar o

conhecimento da arte para os deficientes visuais, tais como: visitas orientadas por educadores, com atividades específicas elaboradas e adaptadas às necessidades dos participantes, incluindo a utilização de material multisensorial, bem como, a realização de atividades práticas ao final de cada visita. Além de oferecer à comunidade assessorias, cursos e palestras, dirigidas principalmente a estudantes e profissionais ligados às áreas de Arte Educação Especial e Educação em Museus, bem como exposições itinerantes e intercâmbios culturais e educativos entre escolas e instituições públicas e privadas.

Certa vez, a ensaísta Helen Keller declarou que participava da beleza escultórica mesmo sem ver as formas. Em sua obra “The story of my life” (New York, Dover Publications, 1996, p. 9), ela afirmou: “Eu, às vezes, imagino se a mão não é mais sensível do que o olho para perceber as belezas da escultura. Eu deveria pensar que o maravilhoso fluxo rítmico de linhas e curvas poderia ser mais sutilmente sentido que visto. Seja como for, eu sei que posso sentir as batidas do coração dos antigos gregos nos seus deuses e nas suas deusas de mármore”

Segundo João Vicente Ganzarolli de Oliveira, professor Departamento de História e Teoria da Arte da Escola de Belas Artes da UFRJ, cumpre destacar que, no Renascimento, o escultor Lorenzo Ghiberti manifestava opinião aparentada com a de Helen Keller, ao descrever uma estátua romana: “quando o olho acreditava ter esgotado a beleza da estátua, o tato descobria nela novas perfeições”. (Apud José Pijoan. Historia del arte, 3ª ed., Barcelona, Salvat, 1949, t. III, p. 79)

Do mesmo professor citado é a autoria de três artigos bem interessantes, publicados pela «Revista Benjamin Constant» e que

merecem ser documentados:

- “Arte e Visualidade: A Questão da Cegueira” (edição n.º 10), combinando experiências concretas e dados teóricos, visa a contribuir para novas reflexões sobre o tema e o ingresso das pessoas cegas no mundo da arte;

- “Sobre a experiência estética de pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem semi-aristotélica” (Edição n.º 11), reproduzindo uma palestra pronunciada no dia 3 de setembro de 1998, na cidade eslovena de Ljubljana, por ocasião do XVI International Congress of Aesthetics. Seu título original é Handicapped people and the experience of beauty: a quasi Aristotelian approach e

- “Do essencial invisível” (edição n.º 14), abordando a cegueira e a sua real aceitação na sociedade, dando ênfase às potencialidades artísticas da pessoa cega, bem como à importância essencial de dar sentido à vida humana em toda e qualquer circunstância.

Rede SACI  
São Paulo-SP, 01/04/2003

# CINCO

Conheça o trabalho de artistas preocupados com a inclusão na arte e por meio dela

Exposições Nacionais

Pintando para cego

Um projeto bem interessante: as exposições idealizadas pela artista plástica mineira Eni D'Carvalho[1]. Trata-se de telas concebidas para explorar os sentidos tátil, visual e sinestésico, que produzem sensações múltiplas no apreciador das artes plásticas. O trabalho é voltado especialmente para deficientes visuais que podem tocar as telas, além de ler o texto que acompanha cada obra, escrito em braile, visando instruir o espectador sobre o material, a forma e a idéia que deram origem a concepção do trabalho. Uma maneira de estabelecer uma interação comunicativa com o apreciador das Artes Plásticas.

Segundo o Projeto intitulado “Novas Percepções nas Artes Plásticas” e conhecido carinhosamente como “Pintando para Cegos”, visa sinalizar a chegada de uma nova forma de pensar ações de cultura para os portadores de deficiência visual, cidadãos cuja presença

quantitativa deverá adquirir um significado determinante para o estabelecimento de novas relações e, portanto, para a instauração de novas atitudes. Segundo a artista, a reinvenção no trato com as questões dos deficientes visuais será um desafio para todos nós. São telas em acrílico, óleo e técnica mista, utilizando texturas, formas e cores que permitem ao público-alvo, através do tato/contato, perceber as imagens e mensagens, tendo os seguintes objetivos:

- Apresentar aos portadores de Deficiência Visual um trabalho voltado para a sua forma de percepção, integrando-os no contexto das artes plásticas.
- Oferecer ao público visitante a oportunidade de conhecer mais sobre o problema da Deficiência Visual.
- Utilizar a arte como veículo de comunicação, levando a sociedade a uma reflexão da arte inclusiva e democrática na construção de uma sociedade justa, solidária, fraterna e humanitária
- Ampliar o alcance social das artes plásticas

Projetando sua arte como veículo de comunicação entre o homem e a natureza, suas pinturas são elaboradas a partir da “estética da precariedade”, como uma forma de repensar a matéria abandonada pelos meios sociais: “Reciclo-a, buscando um novo alento, um novo signo, distante das tecnologias do mundo moderno”, revelou Eni D’Carvalho em um de seus depoimentos. Ao utilizar elementos da própria natureza, a artista visa a despertar o espectador para o “paradigma da ecologia, que, significa uma nova forma de organizar, com harmonia e equilíbrio, o conjunto de relações dos seres humanos entre si, com a natureza e com o universo”.

Pegaremos um exemplo de suas obras. Um de seus quadros de destaque utilizando a temática da natureza, é o “Roças Verdes”,

onde é usado vários elementos para criar diferentes texturas. Pintou no alto da tela o céu de um dia ensolarado. Percebendo outros relevos, o espectador encontra árvores, arbustos, criando uma atmosfera rica e verdejante. Há sementes de girassol e de várias frutas fixadas à esquerda e no meio da tela. Uma porteira está pintada bem ao centro, configurando-se como as portas de entrada das fazendas, sítios bem abaixo, começam as fileiras, configurando o plantio das hortaliças e verduras cultivadas pelos lavradores. Todas estão verdes e viçosas, prontas para a colheita, convidando-nos à saboreá-las.

A intenção de Eni D'Carvalho em “Roças Verdes” é ressaltar a importância da natureza na vida do homem que, além de fazer parte dela, deve ter a responsabilidade de cultivá-la. A obra também lembra a questão êxodo rural, além de outras questões sociais. No geral, toda a sua obra tem por meta levar a sociedade a uma reflexão da arte inclusiva e democrática, valorizando as relações humanas na construção de uma sociedade justa, solidária e humanitária.

Tendo realizado inúmeras mostras dessa natureza já a dois anos em diversas cidades, a artista utiliza técnica mista com celulose, madeira e reciclados. “Utilizo a arte como meio de integração social. Desejo que ela incentive o indivíduo a sonhar, a libertar-se de si mesmo, provocando luz no coração humano”, explica. “Quero que a minha arte possibilite o renascer da consciência de que formamos uma imensa comunidade cósmica e planetária e devemos viver em harmonia e solidariedade porque somos interdependentes, temos a mesma origem e a mesma destinação, estamos ligados à natureza e ao universo”, ressalta Eni D'Carvalho.

Um outro projeto idealizado por Eni D'Carvalho, é o “Passageiros das Artes - Novas Percepções nas Artes Plásticas” visando

contemplar o deficiente visual no trato com artes plásticas, estas que serão colocadas dentro do ônibus-galeria de arte como um meio de alicerçar um mundo de percepções diversas, cujas diferenças individuais e coletivas serão consideradas em toda sua plenitude e não serão mais motivo de segregação, mas da fonte de criatividade e construção.

Trata-se de um ônibus-galeria de arte servirá como um meio de inserção e criação das artes plásticas que desnudará sensibilidades e revelará artistas sufocados pelo preconceito e discriminação. A proposta é de (re)descobrir talentos espalhados por Belo Horizonte, toda as Minas Gerais e por onde passar o ônibus. Certamente nas comunidades onde estiver o ônibus-galeria de arte saberá incluir e também desfrutar da convivência e do intercâmbio que proporcionará em sua itinerância. A proposta é inovadora e inédita, o que despertará no deficiente visual a experiência de desenvolver suas percepções na leitura da obra de arte em conexão com a literatura, através da poesia.

Segundo explicação da própria artista, “a exposição de artes plásticas que circulará no ônibus-galeria se constituirá de telas especiais em acrílico, óleo ou técnica mista utilizando texturas, formas e cores com relevo nos objetos, permitindo ao público portador de deficiência visual perceber a mensagem através do tato/contato. É importante ressaltar que a comunicação interativa com o espectador se dará através do auxílio de legendas em braile e escrita comum, o que possibilitará perceber a localização, o material, a forma e a idéia que deram origem à concepção das telas. Os visitantes terão a oportunidade de participar de uma oficina de arte, integrando os diferentes públicos”.

Dentro desse projeto - já aprovado pela Lei Rouanet, mas ainda



sem patrocínio -, também está programado a edição de um livro de poesias em escrita comum e braile, que será distribuído para as bibliotecas das escolas normais e especiais, entidades de apoio aos portadores de deficiência visual e comunidades. Serão textos poéticos que servirão de suporte para as obras em exposição, possibilitando a leitura e a percepção que a artista comunica através da arte literatura e artes plásticas.

## Perceber sem ver

Vem da cidade paulistana de Bauru outro exemplo positivo. Uma pesquisa desenvolvida pela artista plástica Rosa Maria Riccó Plácido da Silva, pretendeu verificar possíveis materiais expressivos e adequados para a confecção de trabalhos artísticos sobre tela, ou outras bases, destinados especificamente aos portadores de deficiências visuais. Constatou-se inicialmente, através da leitura de livros especializados no assunto e na busca de informações mais abrangentes junto a entidades ligadas aos deficientes visuais, que não havia conhecimento até o presente de trabalhos de natureza artística, isto é, a concepção e execução de obras artísticas voltadas especificamente para esse público.

A vista dessas informações procedeu a organização de um projeto de pesquisa sob título “Perceber sem ver - uma proposta de artes plásticas para deficientes visuais (dv)”, contemplada com bolsa de Iniciação Científica pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - orientadora: Profa. Dra. Nelyze Aparecida Salzedas - UNESP/Bauru e co-orientador: Prof. Carlos Alberto Albertuni - USC/Bauru) e desenvolvida junto a Universidade do Sagrado Coração (Bauru-SP), tendo por objetivo viabilizar a produção de trabalhos artísticos destinados aos

deficientes visuais.

A concretização dessa pesquisa visou possibilitar um ingresso e uma compreensão da arte pelo público alvo do projeto, proporcionando a ampliação do universo de seus conhecimentos. Foram realizadas visitas a escolas, sociedades e organizações ligadas aos deficientes visuais, onde através de entrevistas sob a forma de questionário e registro in loco de informações várias idéias foram colhidas. Na seqüência a dedicação na busca por materiais expressivos que pudessem ser utilizados para a confecção das obras artísticas e finalmente a realização de uma exposição para verificação de resultados junto ao público deficiente visual.

Segundo os resultados do projeto descritos por Rosa Riccó, “através da confecção de um quebra-cabeça, de compensados constando de 9 pedaços medindo os 210 x 300 mm cada, elaborou-se um desenho que foi transposto para o papel vegetal e recortado segundo as dimensões das placas. O desenho elaborado inicialmente foi copiado para cima das placas com papel carbono. Cada pedaço do desenho foi recortado em cima das texturas já mencionadas e coladas, com cola “cascorez”, sobre as pranchas demarcadas anteriormente.

“Para o teste definitivo desses materiais, utilizaram-se, inicialmente, das placas isoladamente, sendo que na seqüência as mesmas formas eram aglutinadas formando um quadrado de 900 x 630 mm. Verificou-se que a dimensão, não era de fácil acesso para a extensão do braço, pois eles não alcançavam na totalidade o quadrado. As figuras, configuradas como abstratas confundiam os D. V., uma vez que na sua maioria o tato ficou relegado a um plano menor, isto é, gerou uma confusão.

“No entanto em relação às texturas, conseguiu-se determinar os sentimentos, tais como, ódio agonia, coisas ruins, desagradáveis, tristeza, alegria, coisas boas, brincadeiras, amor, saudade, distância, ansiedade, carinho e dificuldades de manuseio, Os sentimentos mencionados foram utilizados nas obras destinadas aos D.V.

“Foram confeccionadas sete telas na dimensão de 600 x 600 mm, sendo que a dimensão final das obras foram estabelecida na dimensão de 500 x 500 mm. Os temas definidos para se trabalhar foram aqueles ligados ao amor e a beleza. Os títulos ficaram assim definidos: 1. teatro, 2. música, 3. dança, 4. Pintura, 5”

## Nota

[1] Mineira de Ubá, Eni D’Crvalho é formada em Administração, Ciências Contábeis e pós-graduada em Administração Hospitalar. Em 1966, passou a se dedicar à arte, fascínio que a acompanha desde criança. Já participou de 32 exposições individuais e algumas coletivas. Em 2000, Eni D’Carvalho recebeu a Medalha da Solidariedade por dedicar-se aos projetos “Meninos de Favela Revelando Talentos” e “Novas Percepções nas Artes Plásticas”. A medalha foi concebida pela Associação dos Servidores Municipais da Prefeitura de Belo Horizonte.

Rede SACI  
São Paulo-SP, 08/04/2003

# SEIS

Outras exposições que se preocupam com a inclusão dos deficientes visuais

Reproduções de Luiz Sacilotto

Outros exemplos vamos encontrar nos espaços acadêmicos. Em dezembro de 2000, a coordenação do Espaço de Artes da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), no bairro Tatuapé, organizou, pela primeira vez para receber pessoas portadoras de deficiência visual, uma exposição acessível, além do olhar, para a sensibilidade do toque, com obras de Luiz Sacilotto, um dos artistas plásticos pioneiros da arte concreta no País. O artista, nascido em Santo André foi um dos introdutores da arte abstrato-geométrica no Brasil. Desde criança gostava de pintura e aos 15 anos passou a experimentar a arte figurativa.

Seguindo as propostas desenvolvidas pelo Projeto “Museu e Público Especial”, a exposição, vindo de encontro a um trabalho desenvolvido pela Unicid, voltado para deficientes visuais, contou com 35 gravuras, além de duas maquetes de suas recentes esculturas públicas. Doze gravuras foram produzidas em relevo, com poliestireno, pelo artista plástico e arte-educador Alfonso Ballesterro, para que as apreciações das obras pudessem ser feitas

por meio do tato. Mesmo afirmando que a obra figurativa é mais difícil de ser reproduzida em braile, as reproduções feitas por Ballestero ficou muito próxima de obra de Sacilotto, permitindo aos deficientes visuais perceberem o significado das peças.

Com curadoria de Elisabeth Leone, a mostra teve ainda a oficina “Uma Aventura com Sacilotto”, com desdobramentos da obra do artista plástico, além de jogos para estimular o conhecimento teórico e prático do concretismo. Todo o trabalho foi desenvolvido e coordenado por Elisabeth, com o apoio do Centro de Apoio Acadêmico ao Deficiente (Caad), da Unicid, e orientação de Amanda Tojal, coordenadora do projeto do MAC-USP. As pessoas participam da oficina depois de visitavam a exposição, permitindo aos visitantes criarem figuras geométricas por meio de quebra-cabeças e peças de borracha disponíveis na oficina.

## Exposições Internacionais

### Di-visões

Em maio de 2001, foi realizada em Portugal, a primeira exposição de artes plásticas concebida propositadamente para deficientes visuais (que naquele país chamam de “invisuais”), aberta na cidade do Porto, na antiga cantina do quartel do Bom Pastor. Contando com a participação de 85 artistas de vários países, que mostraram as suas mais recentes criações na área da pintura, escultura, fotografia, cerâmica, joalheria, instalação e estilismo, a idéia é pioneira foi do Espaço T -Associação para Apoio à Integração Social e Comunitária, que realizou um concurso público aberto a todos os artistas, nacionais e estrangeiros.

Intitulada “Di-visões”, foram muitos os artistas que aderiram a esta idéia inovadora em Portugal, mas já realizada em vários países. A exposição recebeu a candidatura de 300 projetos, mas apenas foram selecionados 70 e convidados quinze artistas, entre os quais Abreu Pesseguero, Francisco Simões, Mathias Cortez e Paul Jeffrey. Os apoios surgiram depois, vindo da Porto-2001, da Câmara Municipal do Porto e de inúmeras instituições e empresas particulares.

O objetivo principal da mostra era levar cultura as pessoas cegas, provocar-lhes emoções e sentimentos a partir dos objetos de arte. O local da exposição foi previamente preparado e remodelado e a sua concepção foi da responsabilidade do arquiteto belga Didier Evrard, que possui já uma vasta experiência em eventos deste tipo.

O ambiente foi preparado com mais de 200 lâmpadas néons e equipado com um sofisticado sistemas de informação para deficientes visuais. O guia sonoro era composto por uma barra de alumínio colocada no chão e que através de uma bengala emitia sons, indicando todo o percurso da mostra. Simultaneamente foi editado um catálogo que, sendo um instrumento pedagógico.

## Um diálogo no escuro: descobrindo o que não se vê

Exposições especiais itinerantes também percorrem o mundo. “Um diálogo no escuro: descobrindo o que não se vê” é um bom exemplo. Trata-se de uma exposição muito interessante foi imaginada e criada na Alemanha por Andreas Heinecke, em dezembro de 2001, no Heureka, no museu de ciência da Finlândia. Nela, os visitantes têm uma jornada fascinante por ambientes diversos, mas totalmente

escuros. Cegos passam a ser os guias das pessoas que se sentem agora em um ambiente para o qual não estão preparadas.

Com essa imersão no escuro total, percepções, preconceitos e hábitos tradicionais são questionados. Outros sentidos, que não a visão, são explorados e o visitante é levado a redescobrir, em novos moldes, a audição, o tato e o olfato enquanto realiza atividades de seu dia-a-dia, como freqüentar um bar.

O projeto “Diálogo no Escuro” já foi exibida em 60 cidades de 13 países diferentes, com um total de pelo menos 700 mil visitantes. Em Hamburgo, a atividade tem sido usada também dentro de um programa para integrar deficientes visuais ao mercado de trabalho. Já há projetos para se trazer essa novidade para terras brasileiras. A Casa da Ciência da UFRJ está se programando para organizar a exposição no Brasil.

## Deficientes visuais têm aulas de pintura

Alguns cursos especiais também estão sendo oferecidos, dirigidos aos portadores de deficiência visual, permitindo-lhes a oportunidade de aprender a pintar em tela. Exemplos como da Fundação Cultural de Blumenau, que ofereceu em agosto de 2001, um curso de pintura para cegos, ministrado pela professora Rosana Dominguez, dentro do Programa Arte Sem Barreiras.

O objetivo foi proporcionar aos portadores de necessidades especiais o acesso à arte. O curso, que foi gratuito, contou com o apoio de empresas, na doação de materiais de pintura, e do Seterb, que colocou à disposição dos alunos um ônibus da linha Cidadã, equipado com elevador para cadeira de roda. Foi a segunda iniciativa da Fundação Cultural em cursos voltados a portadores de

necessidades especiais. Recentemente a FCB faz parceria com a Associação dos Cegos do Vale do Itajaí para ministrar curso de tecelagem a cegos, adquirindo teares.

## Uma biografia

Algumas biografias desses artistas são bem interessantes de serem lembradas. E Virgínia Vendramini é uma delas...

Artista plástica, poetisa, coralista e professora de Língua Portuguesa do Instituto Benjamin Constant, Rio de Janeiro de 1968 até 2000, quando se aposentou para que pudesse se dedicar integralmente às suas aptidões criativas. Com visão residual até os 16 anos, quando ficou definitivamente cega devido a uma glaucoma, Virgínia passou grande parte da infância em contato com tintas e aquarelas, influenciada pelos pais. Na tapeçaria, pôde se envolver novamente com cores, ainda muito vivas dentro de si. Nascida na cidade paulista de Presidente Prudente, vive no Rio de Janeiro desde 1961, sendo formada em português e literatura pela Universidade Gama Filho.

Apaixonada pelas cores, seu forte são as tapeçarias com totalidades muito vivas, lembrando caleidoscópio em geometria. Essas obras, que levam em média dois meses para ficarem prontas cada uma. Ela aprendeu a arte de tecer examinando outros trabalhos. As lãs são compradas sempre com a mesma pessoa, um vendedor com sensibilidade de artista, que compreende e respeita suas concepções originais. Ela diz que o desenho é um processo que vai se “auto-definindo” à medida que o trabalho vai crescendo. Nem a quantidade nem a distribuição das cores são elementos pré-definidos. Para confeccionar um tapete, o primeiro traço conduz ao seguinte; e, não raro, a partir de um erro, pode nascer uma nova idéia



totalmente diferente da original.

Em reconhecimento ao seu trabalho e talento, em 1999, durante uma exposição comemorativa dos 190 anos de nascimento de Louís Braille, a artista plástica recebeu o convite para que seus trabalhos fossem retratados nos cartões da empresa carioca de telefonia Telemar. Foi procurada por um representante da empresa e enviou algumas fotos de tapetes que poderiam se transformar em cartões. Para sua surpresa, todas foram aprovadas e cópias de oito de seus trabalhos passaram a circular estampadas nos cartões da Telemar.

E, como criar é o seu forte, Virgínia vem exercitando traços novos na pintura a dedo, procurando uma nova técnica, uma outra forma de expressão. Em uma das muitas entrevistas que já deu, a artista declarou certa vez: “Você não domina a arte. Ela é quem te leva. O processo vale também para a poesia. Eu não escrevo quando quero, mas sim quando a arte permite que eu escrev”.

Seu primeiro livro de poesias foi “Rosas Não”. Posteriormente vieram “Primavera Urbana” (Rio de Janeiro: Blocos, 1996) e “Hora do Arco-Iris”, vencedor do “Prêmio Murilo Mendes - 1998”, além de ter várias suas poesias já incluídas em três antologias, sua participação está confirmada para outras cinco, tendo ainda mais dois livros prontos. Tudo é escrito por ela mesma no computador, através do programa DOSVOX, permitindo que tenha desenvoltura e agilidade necessárias para mandar seus textos para editores e concursos, sem depender de ninguém. Sobre sua poética, o editor Aníbal Albuquerque escreve: “A qualidade de sua produção poética é responsável pelas continuadas premiações que tem conquistado em concursos literários de todo país. Possuidora de grande sensibilidade, domínio do idioma prático e poder criativo, Virgínia compõe poemas magníficos e vigorosos, em que a musicalidade

permite uma leitura agradável de conteúdo enriquecedor de seus versos”.

São inúmeras as publicações e reportagens escritas sobre ela. Confessa em uma delas que, no início, havia uma certa relutância em divulgar seus trabalhos, pois não queria ser reconhecida apenas pelo fato de ser uma pessoa cega fazendo arte. Usando um pseudônimo, foi vencedora em um concurso de poesia. A partir daí, sua autoconfiança foi se firmando. Um processo longo, em que a participação no coral do IBC teve vital importância, já que além de cantar, ela exercia atividades de relações públicas e divulgação.

Além de suas atividades criativas, Virgínia também desenvolve um trabalho no Instituto Oscar Clark (Instituto de Medicina Física e Reabilitação), onde ensina Braille para as pessoas que perderam a visão recentemente. Sua maior preocupação, no entanto, é fazer com que essas pessoas aceitem sua nova condição visual, mostrando que elas ainda podem, com determinação, fazer o que quiserem.

Rede SACI  
São Paulo-SP, 15/04/2003

# REGISTROS VARIADOS

# SETE

## Deficientes visuais na música, no teatro e até em desenho animado

### Dança

Na dança também temos um bonito registro. Formado e mantido pelo Instituto de Cegos Padre Chico, no Ipiranga, zona sul de São Paulo, um grupo de deficientes visuais constitui um grupo de balé que já conquistou 14 prêmios só em 2001. Atentas à música e às marcações do ritmo, as bailarinas movimentam-se ágeis pelo palco. Dançam em perfeita harmonia com as demais colegas em cena. E o que para muitos pode parecer impossível para as integrantes traduz mais que um sonho: é a realidade das meninas sem visão, flutuando ao som da melodia.

Com a preocupação de não serem reconhecidas pela cegueira, mas sim por dançarem com qualidade, o grupo é dirigido pela professora Fernanda Bianchini, formada em balé clássico e fisioterapeuta por profissão, a qual ministra aulas de dança voluntariamente na instituição há oito anos. Graças à sua insistência em inscrever as alunas em festivais especializados foi criada, no Brasil, uma categoria de dança específica para portadores de deficiências.

Com idades que variam entre 4 e 20 anos, as 27 alunas apresentaram-se em um espetáculo com 25 coreografias e duas horas de duração, no teatro do Instituto Padre Chico. A proposta de montar o grupo partiu da coordenadora da entidade, irmã Madalena Marques. Enquanto para a professora, o convite para ensinar transformou-se em desafio. Em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo (29/01/2001), ela declarou: “Sempre ouvi dizer que para dançar era preciso enxergar e várias professoras me desaconselharam a trabalhar com deficientes visuais”. O trabalho com as meninas cegas mostrou que estavam enganadas. Aos poucos, Fernanda desenvolveu seu próprio método, pioneiro, para ensinar. Primeiro, ela estimula noções espaciais, expressão corporal e ritmo. O aprendizado dos passos é feito por meio de toque e imitação. As meninas tocam o corpo da professora e repetem os gestos, orientando-se pelas marcações da música.

No início do aprendizado, o equilíbrio é um ponto que requer especial atenção. O que não falta por parte das alunas, entretanto, é empenho. As aulas com a professora acontecem só uma vez por semana, mas as bailarinas se reúnem, pontualmente, três outros dias para ensaiar sozinhas. E todo esse trabalho ajudou a desenvolver a auto-estima nas crianças e adolescentes.

Além dos 14 prêmios, o grupo já coleciona várias apresentações importantes como em julho de 2001 no Festival de Inverno de Campos do Jordão, participaram de programas de televisão e há vários convites para dançar em outras cidades do Estado. Mas também sonham em se apresentem em espetáculos fora do Brasil”. Como Fernanda faz questão de que o grupo concorra em condições de igualdade com os demais participantes, a própria instituição arca com as despesas de inscrição, transporte e alimentação.

Também procuram um patrocínio para poder trabalhar com mais tranqüilidade. Visando também conseguir, para cada menina, um ponto eletrônico no ouvido para as apresentações. Isso possibilitaria que as orientasse durante o espetáculo, o que tornaria a movimentação mais segura nos palcos desconhecidos, onde a possibilidade de um tombo é maior. “Enquanto não temos esse recurso, fico da coxia, gritando para que cheguem mais para a frente ou para trás”, revela a professora. Há também planos de se ter uma sala de ensaio com barra e espelho, para poder corrigir os movimentos das alunas com maior precisão, pois segundo a professora, que não se cansa de ensinar, “uma bailarina deve sempre olhar para as estrelas, ainda que não as enxergue”.

## Teatro

Não podemos deixar de citar Geraldo Magela, deficiente visual, primeiro humorista cego da televisão brasileira. Enquanto vários acontecimentos teatrais também marcam esta área.

A exemplo, em 2001, a Fitoteca Kaete Heymann, em São Paulo, apresentou a peça teatral “Visão Cega”, protagonizada por Miriam Meller. O enredo era a história de uma mulher cega que tem a possibilidade de voltar a enxergar com uma cirurgia, abordando os conflitos e as reflexões em torno desse tema. Imperdível não só para nós, como para todos.

No dia 25 de fevereiro do mesmo ano, após uma pequena reforma, foi reaberto ao público externo, o teatro do Instituto Benjamin Constant. O teatro havia sido inaugurado no dia 17 de dezembro de 1984, cessando suas atividades em dezembro de 1990. A estréia

de reabertura foi a peça “Império do Olhar”, uma adaptação de Marcus de Aquino para os textos do livro “Ensaio sobre a Cegueira”, do escritor português José Saramago, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 2000. No espetáculo, os espectadores eram surpreendidos pelo teatro totalmente às escuras, iluminado apenas por velas distribuídas entre os atores.

## Concertos Gratuitos

O Secretário de Estado da Cultura, assinou no dia 15 de maio de 2001, uma resolução reservando 20 lugares da Sala São Paulo para deficientes visuais. Eles poderão assistir gratuitamente, às quintas-feiras e aos sábados, as apresentações da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, na tradicional sala de concertos, também acessível para pessoas portadoras de deficiência física. Essa mesma Secretária realiza programas de atividades para deficientes visuais durante o ano todo nas Oficinas Culturais. Os programas são resultados de acordos entre a Secretária, a Fundação Dorina Nowill e a Fundação Laramara. Estima-se quem existam hoje, em São Paulo, cerca de 80 mil deficientes visuais.

## Desenhos animados

Vem da televisão espanhola outro projeto inovador. Desde 8 de dezembro de 2001, sábados e domingos, às 9:30 hs, pela Primera de TVE, está no ar o seriado “Nicolás”. Trata-se da nova série de desenhos animados produzidos pela TVE, BRB e a ONCE. que pela primeira vez em uma história de animação apresenta um personagem com cegueira.

Nicolás, é um menino de 12 anos, protagonista principal da história. A série fala, através das peripécias de seus personagens, de tolerância e de integração, tentando sensibilizar o público alvo - os meninos de 4 a 12 anos - sobre problemas e soluções para a integração social das pessoas com cegueira e deficiência visual. O cachorro-guia de Nicolás, Tom, exerce, entre outras muitas coisas próprias de seu adestramento, o papel de narrador da série.

Ao longo dos 26 episódios são abordados temas como o acesso das pessoas cegas a na educação, na cultura, no esporte, orientação de mobilidade prevenção das deficiências, dentre outros. As histórias também podem ser seguida pelos deficientes visual, através do casteliano ou catalan, usando o sistema AUDESC, que descreve situações e partes significativas da trama, resultando em compreensão do áudio. Para as pessoas surdas há também transcrições de diálogos através do teletexto da TVE.

Rede SACI  
São Paulo-SP, 23/04/2003



# OITO

Nesse último artigo, Emílio Figueira encerra sua série sobre um tema ainda pouco divulgado

## A arte nas instituições

No Brasil, o fazer Arte é uma prática cada vez mais presente nas instituições que mantêm cursos regulares para escultura (argila e pedra), música (vocal e instrumental), pintura (aquarela e desenho) e tecelagem artística. Resultados dessas produções, muitas vezes de cunho terapêutico, são expostos através de grupos itinerantes ou exposições em outras instituições, hospitais e locais que podem se beneficiar deste conforto e incentivo para transformação e inclusão social. E podemos pegar, dentre muitos, um sólido exemplo institucional...

Cituado no Rio de Janeiro, o Instituto Benjamin Constant (IBC) é um órgão do Ministério da Educação do Governo do Brasil, tendo suas ações destinadas às questões relacionadas à Deficiência Visual. Fundado pelo Imperador D. Pedro II através do Decreto Imperial n.º 1.428, de 12 de setembro de 1854, tendo sido inaugurado, solenemente, no dia 17 de setembro do mesmo ano, na presença do Imperador, da Imperatriz e de todo o Ministério, com o nome

de Imperial Instituto dos Meninos Cegos, o IBC, primeira instituição de educação especial da América Latina, constitui-se hoje em um centro de excelência e de referência nacional na área, com atividades voltadas para o atendimento das necessidades acadêmicas, reabilitacionais, médicas, profissionais, culturais, esportivas e de lazer da pessoa cega e portadora de visão subnormal. Através do ensino, da pesquisa e da extensão, o conhecimento é construído e difundido para todo o país e para o exterior, objetivando sempre o aprimoramento e a adequação do atendimento às necessidades específicas de sua clientela.

Detalhe curioso que criação do Instituto contou com o apoio e ajuda direta do escritor José Álvares de Azevedo, que lendo e escrevendo, persuadiu D. Pedro II da necessidade e da vantagem de se criar uma instituição voltada ao ensino de pessoas deficientes da visão. Também, através de seus conhecimentos, auxiliou na vinda, diretamente de Paris, dos materiais escolares indispensáveis aos futuros alunos. Nessa empreitada, Azevedo chegou a realizar a tradução de “História dos Meninos Cegos de Paris”, da autoria de J. Guadet. Ao lado do Dr. José Francisco Xavier Sigaud - primeiro diretor do Instituto - teve um importante papel de como precursor da primeira escola para educar meninos cegos no Brasil. Só que o escritor não chegou a participar da inauguração, falecendo de maneira prematura aos vinte anos de idade, vítima de tuberculose em 17 de março daquele ano.

Logo em seus primeiros anos, era crescente o prestígio da instituição, e aumentava o número dos alunos profissionalizados como encadernadores, no campo artístico formava-se organistas, afinadores de piano e na educação professores (de Português, Francês, Música ou História Sagrada).

Interessante também no campo da literatura, foi a criação em 1861 de uma tipografia para impressão em pontos salientes, tendo a frente dedicado artesão Nicolau Henrique Soares, marco inicial da atual Imprensa Braille. Em 1863, publicava-se o primeiro livro em alto-relevo brasileiro, intitulado “História Cronológica do Imperial Instituto dos Meninos Cegos”, escrito por Cláudio Luiz da Costa, abrangendo, em três volumes, os fatos das duas primeiras administrações.

Segundo Francisco Mendes Lemos e Paulo Felicíssimo Ferreira, autores da história do IBC, é “impossível pensar a História do Instituto Benjamin Constant sem o suporte, regular e contínuo, das transcrições para o Sistema Braille, já que isto tornaria inexecutável o processo de leitura direta por parte do estudante cego, privando-o, no mínimo, do conhecimento da ortografia e das pontuações, com sérios prejuízos para a compreensão de conceitos diferentes representados por símbolos foneticamente semelhantes, ou, ainda para o atendimento dos diversos matizes de linguagem escrita, contidos nas pausas, na entoação ou na ordem das idéias. (...) Nas oficinas, os livros eram impressos só para os alunos, que tinham de usá-los por muitos anos, já que para cada obra era exigida uma composição tipográfica, e os trabalhos de encadernação e tipografia, executados pelos alunos das séries mais adiantadas com a orientação de um mestre, eram todos manuais”. Podemos recordar através de registros, duas publicações que saíram dessas oficinas: em abril de 1942, a Revista Brasileira para Cegos - RBC, criada por sugestão do professor José Espínola Veiga, tinha distribuição gratuita para todo o país e, em setembro de 1959, a Imprensa Braille transcrevia o primeiro número da revista infanto-juvenil “Pontinhos”, fundada pelo professor Renato Monard da Gama Malcher, que já coordenava a elaboração da RBC.

Ainda hoje a literatura é muito incentivada no Instituto. A Biblioteca Louis Braille está equipada com um acervo de títulos didáticos, informativos, culturais e de lazer impressos no Sistema Braille, à tinta e gravados em fitas cassete. Existe o seu setor do livro falado, onde estão as salas de leitura, seção infantil, cabines individuais destinadas à audição, cabines e estúdio para gravação de livros falados. Além do serviço de leitores voluntários, que propicia um considerável aumento na quantidade de informações que podem ser captadas pelos usuários cegos. Para atender às pessoas de visão subnormal, há uma aparelhagem de TV em circuito fechado, a CCTV, que aumenta os tipos impressos em até 60 vezes.

## Ensino Musical

A música e musicoterapia são dois elementos fortes na rotina do IBC, estando presente na formação do aluno desde o jardim de infância e classes de alfabetização, atuando como elemento formativo, visando a ampliação do diálogo do aluno com os elementos da linguagem musical; propicia situações de expressão a partir de seu esquema corporal e de sua relação com o espaço e o tempo, ampliando, qualitativa e quantitativamente, as experiências sensoriais afetivas e cognitivas. Na fase ginásial, a educação musical atua como um espaço para a sondagem de aptidões na área, promovendo a equiparação de seus cursos com aqueles das escolas da rede não-especializada, através das seguintes atividades: iniciação musical, musicalização, teoria e solfejo, teclado, instrumentos de corda, instrumento de sopro e canto coral. Aulas de violão, de piano, percussão e instrumentos de sopro para criança, adolescentes e adultos são ministradas no período da tarde. Reflexo e resultado de todo esse trabalho, é a existência de um coral de expressivo conceito, formado por alunos, reabilitandos,

ex-alunos, professores e funcionários, cujo primeiro CD com gravações exclusivas do Coral do IBC foi lançado na semana comemorativa dos 142 anos da instituição (setembro de 1996).

Ao longo de sua história, importantes ex-alunos do Instituto, destacaram-se no mundo das artes e da literatura. Desse montante, podemos citar nomes de autores de obras didáticas ou literárias publicadas: Aires da Mata Machado, João Delduck Pinto Filho, Joaquim José de Lima, Jonir Bechara Cerqueira, José Espínola Veiga, Luzia Villela Pedras, Mamede Freire, Mauro Montagna, Olemar Silva da Costa, Luzimar Alvino Sombra, Edison Ribeiro Lemos, Ernani Vidon, Palmira Fernandes Bastos, Renato Monard da Gama Malcher, Silvino de Souza Coelho Neto, Sylvio Pellico Machado e Vitorino Serra de Moraes. Poetas: Benedicta de Mello, Francisco José da Silva, Iracema Rodrigues Torres Hildebrandt, José Augusto Ribeiro, José Miguel Bastos Filho, Mayá Devi de Oliveira. Tradutores: Hélio Bezerra do Amaral, José Espínola Veiga, José Miguel Bastos Filho. Músicos: Alzídio Cruz, Francisco Gurgurino de Souza, João Freire de Castro, Paulo Guedes de Andrade, Sidney de Souza.

## Cegueira já foi tema de autor Nobel

Um interessante fato merece ser citado. Trata-se do livro “Ensaio sobre a Cegueira”, escrito pelo escritor português José Saramago. No desenrolar do enredo, um motorista parado no sinal se descobre subitamente cego. É o primeiro caso de uma ‘treva branca’ que logo se espalha incontrolavelmente. Resguardados em quarentena, os cegos se percebem reduzidos à essência humana, numa verdadeira viagem às trevas. O livro é a fantasia de um autor que nos faz lembrar ‘a responsabilidade de ter olhos quando os outros

os perderam'. José Saramago nos dá, aqui, uma imagem aterradora e comovente de tempos sombrios, à beira de um novo milênio. E, permeando sua narrativa, Saramago lança diversas idéias que evidencia algumas das mazelas do mundo moderno: egoísmo, solidão, ânsia de poder ...

Saramago nasceu em 1922, na província do Ribatejo, em Portugal. Devido a dificuldades econômicas foi obrigado a interromper os estudos secundários, tendo a partir de então exercido diversas atividades profissionais; serralheiro mecânico, desenhista, funcionário público, editor, jornalista, entre outras. Seu primeiro livro foi publicado em 1947. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente da literatura, primeiro como tradutor, depois como autor. Romancista, teatrólogo e poeta, em 1998 tornou-se o primeiro autor de língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura.

Rede SACI  
São Paulo-SP, 29/04/2003

# Conclusão

Inserir a pessoa portadora de deficiência visual na dinâmica social é um processo que necessita de romper barreiras de um e de outro lado. E a arte pode servir como um grande instrumento para isto, muitas vezes até de maneira natural. Precisamos criar oportunidades para que o deficiente se qualifique, participe dos movimentos sociais e para isso o poder público há que oferecer condições para essa qualificação e para a conquista de autonomia para a leitura, locomoção e acessibilidade aos bens culturais, já que em nosso país a cultura e arte estão um pouco esquecidas para os deficientes; podemos considerar quase oculta de nem perceber o seu trabalho é um Dom artístico e até ser reconhecida como uma obra.

Muito mais que simples registros, que todos os exemplos mostrados aqui, possam servir como espelho para novas idéias e produções artísticas, sejam elas profissionais ou apenas de cunho terapêutico. Sobretudo, que sejam maneiras naturais de inclusão social, permitindo que a arte a cumpra seu papel social, alargando o horizonte das pessoas portadoras de necessidades especiais, proclamando a liberdade física, intelectual e espiritual dos indivíduos.